

A crise agora é dos ricos

(Não Assinado)

Pesquisa // FGV mostra que as maiores vítimas do caos financeiro mundial são profissionais que ganham acima de R\$ 4,8 mil

Vicente Nunes // Do Correio Braziliense

Brasília - O estouro da crise mundial em setembro do ano passado atingiu em cheio a população mais rica do país, as classes A e B, com rendimento mensal acima de R\$ 4,8 mil. Foi o que constatou o economista Marcelo Neri, coordenador do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV), ao concluir o estudo Crônica de uma Crise Anunciada: Choques Externos e a Nova Classe Média. Esse contingente de maior poder aquisitivo encolheu 0,65% entre setembro e dezembro, enquanto a chamada classe média emergente, a C, expandiu-se, no mesmo período, 1,24% e as camadas mais pobres, das classes D e E, continuaram diminuindo, favorecidas pelos programas sociais do governo e pelos reajustes do salário mínimo acima da inflação. "Pode-se dizer que, até o momento, a crise é dos ricos", afirmou Neri.

Segundo ele, antes da crise, havia o risco de 19 de cada 100 integrantes das classes A e B caírem para as parcelas de renda mais baixa. Desde setembro passado, essa proporção aumentou para 25 em cada 100 pessoas. Outro dado importante, na avaliação do professor, é que o levantamento leva em conta apenas o impacto da crise na renda e no emprego. Não considera a perda de riqueza decorrente do derretimento do mercado acionário.

Apesar do saldo negativo da crise, Neri disse que, no acumulado de 2008, as classes A e B cresceram 3,86%, passando a representar 15,33% da população das seis maiores regiões metropolitanas no país - São Paulo, Salvador, Rio de Janeiro, Recife, Belo Horizonte e Porto Alegre - que serviram de base para o levantamento. No fim de 2007, elas representavam 14,76%. Já a classe C saltou 3,73%, de 51,88% para 53,81% da população. Foi o quinto ano consecutivo de aumento, o mais longo ciclo desde 1980, quando se esgotou o "milagre econômico" do período em que o Brasil esteve sob a ditadura dos militares.

Expansão - Essa classe C, na visão do professor da FGV, tem renda mensal entre R\$ 1.115 e R\$ 4,8 mil e é aquela que "quer comprar computador, celular, carro ou casa financiada, contrair crédito em geral e produtivo em particular, virar empregador, contribuir para a previdência complementar e ter colégio privado para os filhos". Quer, ainda, diploma universitário, plano de saúde e seguro de vida.

"O incremento dessa camada da população se deu, principalmente, por meio da formalização do mercado de trabalho, da carteira assinada", explicou Neri. "E é com ela, com seu potencial de consumo, que o país está contando para sustentar o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) enquanto durar a recessão internacional", acrescentou.

A expansão da classe média também é importante porque tem ajudado a reduzir uma das maiores distorções brasileiras, a desigualdade social. Segundo Neri, com o incremento de quase 25% desse contingente entre dezembro de 2002 e dezembro de 2008, o índice Gini, que mede a desigualdade (quanto mais próximo de um, pior o indicador), caiu, em igual período, de 0,6168 para 0,5629, um senhor resultado se levarmos em conta que, entre 1970 e 2000, o índice ficou estagnado.

Pelos cálculos do professor da FGV, a classe D, com rendimento mensal entre R\$ 804 e R\$ 1.115, encolheu, nos últimos cinco anos, de 15,24% para 13,18% da população. Já a participação da classe E, com ganho mensal de até R\$ 804, saiu de 29,54% para 17,68% do total de brasileiros. Ou seja, a miséria e a pobreza estão, efetivamente, sendo combatidas no país.